

# CAUSOS DO CERTÃO



# CAUSOS DO CERTÃO

**DOC MARIZ**



# CAUSOS DO CERTÃO

Copyright © 2010

Todos os direitos são reservados, no Brasil por:

Doc Mariz



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

## PoD Editora

Rua do Catete, 90 / 202 • Catete – Rio de Janeiro  
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br  
Faça seu pedido pelo site: [www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)

Capa:

*Ruth Guimarães – ruthguima3@yahoo.com*

Diagramação:

*Control C – Impressos sob Demanda*

Impressão e Acabamento:

*Control C – Impressos sob Demanda*

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

## Ficha Catalográfica

---

Veiga, Antonio José Mariz da

Causos do certão / Antonio José Mariz da Veiga. – Rio de Janeiro : PoD Editora, 2010.

162 p. ; 21 cm

ISBN: 978-85-62331-44-2

1. Contos brasileiros. 2. Crônicas brasileiras . 3. Humor na literatura. I. Título.

CDD: B869.39

V426

---

# *Agradecimentos*

Dedico este livro ao povo de Paraíba do Sul e Três Rios.  
Em especial a Família Bouzada: Alessandro e Marco Felipe.

E é claro, meu agradecimento vai também para as moças da família: Neila, Fernanda, Julinha e Ana Clara, Tia Lulu e Dani Lima – e os varões: João Pedro, Tadeu e Pedro (este parece ser mais um Varinha e do que um Varão). Ao caseiro Rogério.

Agradeço a amizade de Marco Antonio Marcos, a Vereadora Graça Marcos e suas filhas lindas – Maria Fernanda e Maria Carolina. Abração ao meu querido amigo e fã Seu Wilton.

Agradeço também aos habitantes do Planeta Vulcan em especial ao Senhor Spock.

Agradeço ao pessoal da Upa Três Rios: Romero Bandeira, Luis Alberto, Danilo Barros Franco, Eduardo Galil, Rodrigo Bonato, Serginho Barbosa Neves (e tem outra Dádi em Três Rios?), Marco Antonio Vieira (tô certo ou tô errado?), Juliana Razlan, ao pessoal da enfermagem, assistente social (Lolô em especial), a galera da maca, a galera da farmácia, os motoristas das ambulâncias (Brasil, Jorginho, Chiquinho e Renatinho), ao pessoal da administração (Irma, Roger, Olga, Ana Beatriz, Dani, Diego e demais funcionários), aos demais médicos, dentistas e diretoria que me desculpem por algum esquecimento... São tantas pessoas.

Agradeço também a galera do Hospital Nossa Senhora da Piedade de Paraíba do Sul – médicos, acadêmicos,

enfermagem, pessoal da cozinha, da farmácia, do raio x – Norman em especial — da administração (Antonieta, Isabel Mendonça e demais funcionários), e aos policiais que seguram a “peteca” e os meus pirulitos. São tantas pessoas do bem que conheci na minha curta passagem pelo hospital que preferi não colocar aqui os nomes, pois certamente esqueceria de alguém.

Agradeço ao pessoal do Trailer do Charles – que encaminha todos que comem o sanduíche MacMariz ao pronto-socorro, uma espécie de convênio.

Um abraço especial no Dr. Ilson, Raquel Guimarães e Jéferson, P.H. Ferreira, Cadu, Mateus, Duílio Terzela e Bia, Dandi e Rossana.

Meu muito obrigado pela acolhimento e amizade dos meus vizinhos: a família do Sargento Jarbas – Graça Terra, Cris e Adelmo (o vigilante dos passarinhos), Fátima e Luis Carlos, Lud, Michele e Rafael e o cãozinho Thor.

Abraços no Dr. Jadir e Marilene, Cristina pintora, Dona Rita e Seu Moacir, Comandante Jonatas Souza, Cíntia e seus diabinhos...

Um beijão especial em Gerson Rangel Brasil e Mônica, suas filhas: Flora e Nina. E também no “marido reserva” da Mônica — o polivalente César.

Aos novos amigos das escolas São Bento e Esquina do Saber.

Ao pessoal da Escola de Samba Bom das Bocas de Três Rios – Oh Bola, emagrece um pouco, cara!

Ao pessoal do PSF de Sardoal e Palhas. A promoção continua: extraia o seu dente incisivo e receba grátis uma dose dupla de BenzectaMil.

A galera da Secretaria Municipal de Saúde de P.S.

Aos Prefeitos Gil Leal de Paraíba do Sul e Vinicius Farah de Três Rios.

Agradeço a Nossa Senhora da Bicletinha por me manter na vertical quando ando pela cidade em cima da minha “biluca”.

É claro que nada disso aconteceria se a minha “carametade” Ruth Guimarães não me desse um apoio incondi-

cional. Paixão Eterna. Obrigado também pela linda capa que você fez e refez durante as madrugadas de insônia. Ficou lindíssima.

Beijão extraordinário nas minhas filhas Gabriela/Dudu — e Barbara/Gu (que vão me dar de presente meu primeiro neto) e meus filhos Daniel e “Bobby” – meu cão, um vira-lata como eu.

Beijo grande na minha mãezinha e meu irmãos Jorge e Dilú, Marcello e Sonia.

Abração ao pessoal da babá Dulcineia e Vicente.

Obrigado aos meus dois Psiquiatra por me deixarem solto...

Paraíba do Sul – final do ano de 2010



# Apresentação

Este é o quarto livro de humor de Doc Mariz.

Decidi dar o nome de Causos do Certão a este livro como uma brincadeira e um trocadilho quando disse para o Daniel, meu pequeno filho de sete anos, que ele era certinho igual à mãe dele e ele me respondeu: papaizinho, e você é um “certão”.

Já disse certa vez que escrever contos de humor é difícil. Manter o pique da piada ou da gozação depende do “dia” de quem escreve e depende do “astral” de quem lê.

Quando me mudei para morar em Paraíba do Sul no início do ano de 2010 imaginei que novas estórias viriam. Algumas chegaram...

É claro que mudei os nomes dos personagens e exagerei em algumas situações, mas a essência dos “Causos” existe.

Contudo, havia estórias antigas do meu primeiro livro – de 2001 — que decidi republicar com algumas modificações, pois o livro não foi reeditado.

Inclui neste livro umas estórias do tempo em que eu jogava pôquer – não gosto de jogo, muito menos de cartas... Jogava semanalmente para ter o convívio agradável do Wandeco, padrinho do Daniel. Ele começou a escrever um livro para explicar as regras do pôquer para as mulheres em geral e eu escrevi alguns contos para mesclar no

livro dele. Não foi publicado... No entanto batizei o livro de “Pôquer para Damas” outro trocadilho infame.

Inclui dois contos (Aula de Geografia e Primeiras Impressões...) de uma jovem e promissora escritora de Paraíba do Sul. Minha sobrinha “postiça” Danielle Lima.

E inclui também três pequenas provocações (Oração do Wandeco, Estatuto do Partido Machista Brasileiro e Ode a Celulite) escritas por um outro alter ego meu contrário a tudo que eu penso, mas igualmente mordaz: Cod Ziram.

Finalizando com uma questão transcendental: Quando é que uma toalha de banho fica suja?

Se a utilizamos após o banho quando nosso corpo está inteiramente limpo, então jamais ela se sujará...

Um beijo molhado na bochecha dos amigos e amigas, e boa leitura.

Qualquer contato envie para:

[docmariz@globocom](mailto:docmariz@globocom)

Paraíba do Sul – R.J.

Final do ano de 2010

Inté +

## Sumário

Agradecimentos .....	5
Apresentação.....	9
Achados e Perdidos.....	13
O ônibus.....	16
Causos de um Pronto Socorro .....	21
A pipa .....	28
Consultando .....	32
Alternativa.....	35
Então e aqui.....	37
Interioridades 2.....	41
Fábulas maravilhosas .....	44
Foco .....	46
O método .....	49
O quinto jogador .....	53
O jogo .....	57
O crime perfeito .....	61
Novos jogadores.....	64
A desarrumadeira.....	68
Aula de geografia .....	71
Primeira impressão tem sempre algo errado.....	74
Fábulas fantasiosas .....	76
Preocupações.....	78
Deja vu 2 .....	81
Conversando com um Dentista.....	85
Palpiteiro.....	89
Os espaçosos .....	94
Hipocondria.....	99
Mentira de jogador.....	102
Consultando 2 .....	106
Recordações.....	109
Garçons .....	112
Na flor da idade .....	115
O acampamento .....	117

Consultando 3 .....	122
Cabelos molhados.....	124
Mundos .....	127
Complexo.....	130
Por uma fresta.....	132
Oração do Vandeco.....	135
Moto-perpétuo .....	136
Fundamental.....	138
Estatuto do Partido Machista Brasileiro .....	140
Fábulas escabrosas.....	144
Lembranças .....	146
Uma lenda do interior .....	150
Julgamento .....	154
“Ode à celulite!!!” .....	158

## *Achados e Perdidos*

Toda mudança é traumática. Mudanças de comportamento, mudanças de emprego, mudanças de hábitos alimentares, mudanças de casamentos... Mas a minha atual mudança é mais traumática do que eu esperava: mudança de cidade.

Há anos quero sair do estresse do Rio de Janeiro, ir para uma casa. Casa mesmo! Com jardim, garagem, churrasqueira, passarinhos cantando na janela, uma rede para tirar uma “barbosinha” depois do almoço, ir para o trabalho de bicicleta, simplicidade de cidade pequena sem engarrafamentos, sem trânsito caótico, sem bala perdida e mendigos e principalmente sem o barulho que faz a cidade grande e que continuamente tem deteriorado e abafado meus ouvidos sensíveis para ouvir um bom disco de jazz... Contudo, tudo tem um preço.

Semana passada eu me mudei para Paraíba do Sul...

— Onde está meu saco de cachimbos? Pergunto para quem está perto, no meio de dezenas de caixas de papelão, cheias de coisas guardadas por cinco décadas de vida.

— Não sei! Responde alguém arrumando ou empilhando dentro da sala, da casa nova, tudo que saiu de dois caminhões de mudança. Uma bagunça impressionante.

— Será que está na caixa numero 48? Pergunto sem muita crença.

— Talvez esteja na caixa numero 62 escrito: tralhas do Mariz.

— Como assim “tralhas”? Meu cachimbo não é uma tralha. Meu cachimbo deveria estar em alguma caixa escrito: preciosidades do Mariz.

— Veja se não está naquela caixa ali embaixo escrito: bagulhos do Mariz.

Abro algumas caixas e me sinto surpreso.

— Achei meu livro de cabeceira da minha adolescência com os telefones dos colegas do ginásio. Achei também um chinelo velho de couro que eu comprei no carnaval de Salvador em 1977 que eu gostava de usar.

— Vou jogar fora essas coisas velhas. Diz a minha mulher.

— Achei também um disco do Miles Davis. Ah que saudades desse disco!!!

— Disco de vinil? Vou jogar fora também. Repete a comandante.

— Achei um canivete suíço do tempo que eu era escoteiro...

— Vou jogar fora também... Está enferrujado e pode machucar nosso filho.

— Achei uma garrafinha térmica de água para andar no calçadão.

— Não temos mais calçadão nessa cidade.

— Olha só... Achei o meião do Cafuringa.

— Mariz... O Cafuringa já morreu e esse meião está fedendo.

— É claro, nunca lavei desde 1975. Isso é uma preciosidade: ainda tem o “budum” do chulé do Cafuringa. É um chulé original do maior ponta direita do Fluminense.

— Mariz, caia na real. Temos coisas demais para organizar nas prateleiras e armários da casa nova. Vamos ter que nos desfazer de algumas coisas.

— Mas logo do “meião do Cafuringa?” Falando nisso cadê o meu jogo de futebol de botões?

— Joguei fora. Responde a megera arrumadora de bagulhos e recordações.

— Não me diga que também eliminou as minhas cuecas antigas? Aquelas que comprei em Nova Iorque...

— Mariz... Cuecas samba-canção do seu primeiro casamento, furadas e encardidas que você comprou há quase trinta anos atrás.

— E o meu cortador de unha encravada? Comprei quando saí da faculdade na loja de produtos cirúrgicos que já fechou e não fabrica mais. Uma raridade.

— Você agora tem uma podóloga.

— Não vai me dizer que o meu casaco de veludo roxo que minha mãe me trouxe da Holanda em 1979 também foi nessa limpa?

— Veludo roxo e fedendo a mofo, Mariz? Vamos e venhamos não se usa mais isso. Ainda por cima na cidade que nós vamos morar.

— Preciso achar alguma meia nova pra usar. Hoje é o terceiro dia que eu uso a mesma. Não encontro meu chapéu panamá nem meus óculos pra perto.

— Devem estar junto com a sua coleção de cd's do Fagner.

— Aonde?

— Na caixa de papelão escrito: "porcarias do Mariz".

— Espero que você não tenha eliminado as chupetas das crianças? Eu as guardei de recordação por mais de vinte anos. A primeira chupeta da minha primeira filha...

Silêncio total. E a certeza de que toda mudança é traumática.

Sento-me numa cadeira de bar colocada estrategicamente na varanda da minha nova casa, olho para o céu azul, respiro o ar puro da montanha colorida de verde, percebo um silêncio agradável somente cortado pelas cigarras zumbindo ao cair da tarde, abro uma garrafa de cerveja gelada cedida pelo comerciante da esquina, acendo um charutinho comprado ainda no comercio de Ipanema e reflito feliz da vida no meio de toda aquela bagunça de caixas de papelão com um sorriso gostoso no canto da boca: será que Freud um dia se mudou e passou por tudo isso?

# O ônibus

(ou Carecas Não Comem Quibe)

Sexta-feira, sete horas da manhã, rodoviária Novo Rio, saída 45 e o ônibus estacionado pronto para me levar de volta a Paraíba do Sul após um dia de visita a minha mãe em Ipanema. Desço apressado a escada de cimento suja, segurando nos pilares imundos, esbarrando em gente com cara de sono e cabeças impregnadas de seborréia. Mostro meu bilhete ao motorista, e sento numa cadeira de número ímpar – do lado da janela – que me permite uma visão enfumaçada da paisagem de uma viagem sonolenta. O motorista avisa com constrangimento que o ar condicionado está com defeito e pede desculpas pelo transtorno. Pronto! Estou apto a mais uma maratona de horas e horas dentro de uma lata de sardinha super-aquecida enfrentando o engarrafamento infernal da Avenida Brasil a caminho do paraíso.

Vejo ao meu redor pessoas que desconheço e provavelmente aparecerão algum dia no meu ambulatório do SUS; fico a imaginar quem serão os meus companheiros de jornada: na minha frente, um cidadão que acredito ser um *Adevogado* – terno de segunda categoria, camisa branca esgarçada e gravata barata da liquidação da C & A. Senta-se ao lado de um idoso careca que tosse incessantemente (uma pessoa totalmente sem cabelos pode ser tudo na vida, inclusive confiável!). Tenho vontade de lhe dar um cartão do meu consultório, mas declino da idéia ao imaginar que ele poderá realmente aparecer no consultório, querer se tratar e tossir incessantemente na minha

frente dizendo: quero parar de tossir, mas sem parar de fumar!

Abro o jornal da manhã e discretamente observo nas poltronas ao lado duas adolescentes com uniforme de escola municipal: camisas impecavelmente brancas com o escudo nomeando o Centro Escolar, saiate azul marinho mostrando a parte mais permissiva das pernas, meias igualmente brancas com sapatos pretos acolchoados nas laterais e olhar de quem não se importa com quem olha.

Em outro par de cadeiras sentam-se um velho com cabelos tingidos de louro usando óculos escuros de camelô e um jovem negro com cara de desempregado usando camisa de algodão puída escrito no peito: “Eu estive em Foz do Iguaçu”. Os dois fingem que não estão olhando as coxas das adolescentes, mas não conseguem disfarçar o *voyerismo* intrínseco masculino.

Mais à frente um rapaz usando uma camiseta apertada deixando os ombros de fora todo tatuado com “marcas tribais” carrega consigo um volume com jeito de instrumento musical; ao seu lado, uma velha gorda de vestido multicolorido e bolsa de vendedora da Natura. Um banco atrás: uma dona de casa de meia-idade buscando com o pescoço uma fofoca para contar na cidade, e um despachante desses que se aposentou e continua fazendo um “bico”. Ele abre o jornal de letras sanguinolentas, masca um chiclete com os poucos dentes que lhe restam e resmunga algo incompreensível – talvez não seja chiclete, mas um palito usado na noite anterior.

Para completar o circo ao meu redor: um office-boy com camisa de empresa, pastinha debaixo do braço, cigarro vagabundo no bolso e uma imitação de *Ipod* comprado provavelmente na Casa e Vídeo; e uma garota dos seus dezesseis anos, calça jeans um número menor, collant preto e cara de gazeteira.

Um dia quente de verão no Rio de Janeiro e o calor insuportável naquele momento se tornará indescritível ainda mais quando o sol se aproximar do ônibus. A estrada cheia de curvas torturantes e subida íngreme me deixa

enjoado e ao saber que pagamos impostos altos para a conservação das estradas e ainda por cima temos que pagar pedágios caros sinto-me um lixo por ser tão maltratado. Somente algumas janelas conseguem ser abertas e estas não conseguem dar vazão à necessária ventilação que os meus poros solicitam. Começo um strip-tease sem nenhum glamour: retiro os sapatos e as meias. Dobro a bainha da calça, abro a camisa no peito e encolho a manga ao máximo possível. Óculos escuros protegem meus olhos da claridade e me induz a uma sensação de escuridão própria para uma “barbosinha” (uma soneca rapidinha...).

Uma garrafinha de água refresca meus lábios e engana os pensamentos durante a “sauna” forçada; uma caneta e um bloco de papel estão de prontidão caso surja alguma idéia para a próxima crônica a ser escrita. Ufa! Agora é aguardar os pneus comerem o asfalto para chegar à rodoviária “nova” de Paraíba do Sul composta de um guichê, dois banheiros e um projeto de lanchonete. Dentro do ônibus as pessoas vão se acomodando com o balanço da condução, talvez para esquecer o calor: uns roncam, outros conversam baixinho, lêem o jornal, olham para as coxas das adolescentes, mastigam palitos, escutam “Ipod” do Paraguai, e o tempo vai passando.

Algumas nuvens escuras surgem no horizonte. É a resposta às minhas preces por um frescor naquele “deserto” nativo. As primeiras gotas de chuva começam a pipocar nas janelas acordando os passageiros das poltronas ímpares, mas um “ar” de felicidade ventila por todo o ambiente – a chuva vai nos refrescar! Doce ilusão... Com a vedação quase total, inicia-se a pior das torturas para as minhas narinas delicadas: o cheiro de chulé disseminado. Assim como eu, todos daquela população de peregrinos também retiraram os sapatos, tornando o oxigênio local rarefeito e um efeito devastador sobre o meu olfato exigente. Isso sem falar que “alguém” de ter sido traído pela propaganda enganosa do balcão da lanchonete da rodoviária Novo Rio e ingerido um quibe, ou talvez um risole, e

resolveu nos brindar com uma dezena de “gases nobres”. Bombas atômicas inaudíveis, porém com cheiro de carniça podre. Não sei se quebro a janela e recebo a chuva no meu rosto junto com os palavrões dos vizinhos, ou se morro sufocado do “gás” mostarda com ketchup.

Olho em torno e tento descobrir quem seria o autor ou autora daqueles “fluidos maléficos”. Pouco me importa naquele instante se o ambiente está quente ou não, eu quero saber quem é o “fariseu”! O cheiro de pé mal lavado é muito ruim, mas ainda é suportável, entretanto o “barbantino cheiroso” era demais para qualquer mortal. Observo de longe o *Adevogado*, mas ele aparenta ser uma pessoa de respeito – não faria isso. O careca ao seu lado na certa o delataria e abriria um processo contra ele. Penso que poderia ser então o seu dileto companheiro de poltrona, mas carecas não costumam comer quibe! Árabes costumam comer quibe, e árabes não são carecas – portanto estes estão descartados.

Continuo as minhas suspeitas: jovens músicos tatuados costumam ser pessoas de poucas posses – quando viajam nem fazem seguro de vida para economizar tostão, então este não comeria nada na rodoviária. Provavelmente sua sogra faria um sanduba natural – não, não era ele. O velho aposentado de cabelo pintado de louro deve ter comido a dieta que a mulher lhe fez na véspera – também está descartado.

Quem sabe a velha vendedora da Natura? Ora, se vende coisas naturais, é porque ela é natural – pensei comigo mesmo. O mesmo raciocínio usei com a “fofoqueira” – se ela soltasse um “torpeido” daqueles, alguémalaria mal dela, e então seria a sua morte: “ser falada” ao invés de falar dos outros! Ainda mais em uma cidade pequena.

Vou investigando psicologicamente o “bandido” como se fosse a velha escritora inglesa Agatha Christie. Agora é uma questão de honra! Será o despachante que masca o palito? Não acredito. Se ele masca palito, não terá nada para “soltar”! Risco mais um da minha lista. A “gazeiteira” então? Não, ela deve ter fugido de casa sem comer

nada e sem dinheiro. – Não deve ter sido ela! Restam poucos na minha lista de suspeitos para que eu possa chegar ao “criminoso”. As horas vão passando, o ônibus andando sempre numa velocidade inferior à minha vontade de chegar e o odor de “carne estragada” continua no ar. Pouco adiantam as súplicas dos fiéis mais exaltados – o inferno é aqui! Calor, chuva, janela fechada, chulé e “aquilo”!

As duas adolescentes de pernas de fora poderiam perfeitamente serem as responsáveis! Quem iria, no entanto, pensar em acusar duas moçoilas sedutoras e oferecidas? O embate ficaria então entre o office-boy e o jovem negro com cara de desempregado e camisa “Eu estive em Foz do Iguaçu”! Olhei fixamente para cada um, enquanto os outros passageiros mantinham um lenço colado ao rosto cada vez que um “Exocet” era lançado. O garoto com pastinha no colo permanecia quieto na cadeira. Ouvindo o seu “Ipod” falsificado, sem reclamar e sem demonstrar preocupação quanto ao futuro dos seus pulmões; enquanto o jovem negro contorcia-se como se tivesse alguma espécie de comichão – ou seriam crises de cólicas? Isto! Poderia ser uma “cólica intestinal secundária a uma ingestão de quibe com salmonela”!

E o que dirão os meus prezados leitores? – Belo diagnóstico! – mas será que o Doc tem certeza? A verdade, meus caros amigos é que quando chegamos à cidade presenciei uma correria geral até o banheiro mais próximo e eu não pude chegar a uma conclusão definitiva do meu diagnóstico.

Fui trabalhar no ambulatório com a roupa suada impregnada da “coisa” e fiquei a pensar novamente: será que eu o escolhi, pois passei mal na minha infância durante uma viagem até Foz do Iguaçu? Será que Hercule Poirot, o genial detetive de Agatha Christie, também passou mal com algum quibe da rodoviária Novo Rio? Será que ele teria chegado ao mesmo final que eu, mesmo se não tivesse comido o tal quibe? E você caro leitor, quem acha que foi?